

FOTOCRÔNICA | CARLOS MONTEIRO

FOTOS E TEXTO

Alvoradas
cariocas

Há um instante no Rio de Janeiro que não pertence a ninguém — nem aos apressados, nem aos distraídos. É a alvorada. Não o nascer do sol em si, que já é espetáculo suficiente, mas o que vem antes, aquele intervalo suspenso em que a cidade parece prender a respiração, como se soubesse que algo delicado está prestes a acontecer.

Caminhar pela orla nesse horário é quase um ato de fé. O mar, ainda sem plateia, se move com uma dignidade antiga. As ondas chegam sem pressa, como quem repete um gesto aprendido há séculos. Um pescador solitário organiza seus apetrechos com a precisão de um ritual. Mais adiante, um corredor corta o silêncio com passos leves, respeitando, sem saber, a liturgia daquele momento.

A luz começa tímida, desenhando contornos antes de revelar cores. Primeiro, um azul indeciso. Depois, um dourado que escorre pelos prédios, invade as janelas, acorda os morros. É nessa hora que o Rio deixa de ser promessa e volta a ser realidade — mas uma realidade ainda pura, sem o peso do dia.

Nos bairros antigos, a alvorada tem outro ritmo. Em Santa Teresa, o bonde parece acordar junto com os passarinhos, rangendo suave pelos trilhos, como se não quisesse interromper o silêncio. Na Lapa, restos da noite ainda resistem — uma garrafa esquecida, uma cadeira fora do lugar, a memória recente de um riso alto. A cidade não apaga o que foi; apenas sobrepõe camadas, como uma fotografia que insiste em guardar todas as exposições.

E há os trabalhadores da madrugada, esses personagens invisíveis que conhecem o Rio antes de ele se maquiar para o dia. O gari que varre a calçada com um ritmo quase musical, o jornaleiro que organiza as manchetes ainda frescas, o padieiro que abre a porta deixando escapar o cheiro de pão quente — pequenos sinais de que a vida, aqui, não espera o sol para começar.

O curioso é que a alvorada carioca não se impõe; ela se oferece. É preciso disposição para percebê-la, uma certa paciência de quem aceita olhar sem pressa. Porque o Rio, nesse instante, não quer ser conquistado — quer ser observado. Como uma fotografia que não pede legenda, apenas silêncio.

Quando o sol finalmente se firma, trazendo consigo o barulho dos ônibus, das conversas apressadas, dos celulares que despertam, algo daquela quietude inicial ainda resiste. Está no brilho diferente do olhar de quem acordou cedo, na calma de quem viu a cidade antes de ela vestir suas urgências.

Talvez seja isso que a alvorada nos ensine: o Rio não é apenas o que se mostra ao meio-dia, sob luz plena e calor intenso. Há um outro Rio, mais sutil, que se revela a quem chega cedo, a quem aceita o convite de testemunhar o nascimento do dia como quem folheia, com cuidado, uma velha fotografia.

E, no fundo, é nesse breve intervalo — entre a noite que se despede e o dia que ainda hesita — que a cidade parece mais verdadeira. Não porque esconda menos, mas porque, por alguns minutos, não precisa fingir ser outra coisa.

Corra e olhe o sol.

